

Percepção e Cultura na Periferia de Salvador: o Bairro em Imagens, Experiência de Ensino, Extensão e Pesquisa

Área Temática de Cultura

Resumo

Com esta atividade de extensão universitária, pretendeu-se trabalhar a percepção da identidade de bairros periféricos em Salvador, com base na realização de entrevistas filmadas com moradores das áreas pesquisadas. Pretendeu-se, sobretudo, avaliar como os bairros são vividos e sentidos pelos moradores, identificando-se os referenciais arquitetônicos e urbanísticos e as manifestações culturais mais relevantes. Trabalha-se a percepção da identidade dos bairros estudados, a partir da noção de intersubjetividade e de transubjetividade das imagens e representações, entendendo o "bairro" como um espaço social, reflexo e condição do/para o surgimento de um sistema de relações. Segue-se a ordem/sucessão "meu" (representação individual), "nosso" (representação coletiva, específica para cada grupo - formal ou informal) e "o" bairro (representação coletiva de nível superior). Nas entrevistas com os moradores é dada especial atenção às festas e comemorações e aos possíveis processos de auto-gestão do espaço urbano deflagrados nas comunidades estudadas. Até aqui já são dois vídeos concluídos e editados, nos bairros de Plataforma e da Ribeira e um em fase de filmagens no bairro do Curuzu. O andamento das atividades mostra a possibilidade de trabalhar relações de interdisciplinaridade entre as diferentes instâncias e agentes, no processo de construção de uma metodologia pedagógica que concilie o ensino, a pesquisa e a extensão.

Autoria

Angelo Serpa, doutor, professor

Marcelo Sousa Brito, Estudante do curso de bacharelado em Direção Teatral, bolsista de extensão

Instituição

Universidade Federal da Bahia - UFBA

Palavras-chave: bairro; espaços vividos; vídeo-documentário

Introdução e objetivo

Com esta atividade de extensão universitária, pretendeu-se trabalhar a percepção da identidade de bairros periféricos em Salvador, com base na realização de entrevistas filmadas com moradores das áreas pesquisadas. As representações individuais dos moradores entrevistados constituíram a base para a "construção" de uma representação coletiva para cada bairro, a partir da identificação das redes de relações interpessoais, agrupando-se as representações em níveis diferenciados até se chegar a uma representação "síntese" dos bairros.

Pretendeu-se, sobretudo, avaliar como os bairros são vividos e sentidos pelos moradores; identificar os referenciais arquitetônicos e urbanísticos consolidados na percepção dos habitantes; identificar as manifestações artísticas e culturais mais relevantes; resgatar a história oral dos bairros; identificar processos de autogestão do espaço urbano, deflagrados por iniciativa dos moradores.

Buscou-se um diálogo interdisciplinar entre a universidade e as representações populares de bairros da periferia de Salvador, já que trabalhos assim podem subsidiar um

planejamento urbano baseado nos mecanismos de autogestão e participação, entendendo os bairros como espaços de vivência e áreas prioritárias de intervenção.

A organização de um banco de imagens audiovisuais com a edição de uma série de vídeos didáticos insere-se nas atividades do Projeto Espaço Livre de Pesquisa-Ação, que vem atuando nos bairros desde 1997 em parceria com a AMPLA (Associação de Moradores de Plataforma), a AMAI (Associação de Moradores e Amigos de Itapagipe) e a AMAC (Associação de Moradores e Amigos do Curuzu). A idéia é retornar às comunidades os resultados das pesquisas, com a organização de debates em escolas públicas e nas associações de moradores, a partir da exibição do material audiovisual editado.

O projeto Espaço Livre de Pesquisa-Ação articula diferentes variáveis - transporte público, comércio e serviços, espaço livre público e identidade cultural - na escala do bairro, priorizando o estudo de bairros carentes e periféricos em Salvador. As variáveis são trabalhadas de modo específico nos diferentes sub-projetos e estão sendo levantadas em campo com auxílio de entrevistas e aplicação de questionários. Levantamentos cartográficos, fotográficos, bem como o levantamento de informações estatísticas e de dados históricos junto aos órgãos públicos, arquivos e bibliotecas são também parte integrante da metodologia aplicada para obtenção de dados secundários.

Subdividido em diferentes subprojetos, o grupo de pesquisa já dispõe de um acervo de dados considerável, a ser disponibilizado em breve para consulta, através de um CD-ROM, com um sistema de informações geo-referenciadas para os bairros pesquisados, de uma coleção de vídeos-documentário e de uma web-page interativa.

Como fator positivo principal destaca-se a repercussão do trabalho de pesquisa nas comunidades estudadas, em especial nos bairros de Plataforma e Pirajá, onde os levantamentos subsidiaram intervenções-piloto em parceria com os moradores. Exemplos disso são as duas praças projetadas e implantadas em Plataforma e Pirajá, o plantio de 200 mudas de árvores frutíferas nos quintais de Pirajá, com a colaboração de estudantes da Escola Estadual Alberto Santos Dumont e a montagem de espetáculos teatrais que resgatam a história e a identidade de Plataforma com jovens do bairro (com o apoio da DKA-Austria).

Novas pesquisas estão sendo desenvolvidas nos bairros de Plataforma, Ribeira, Curuzu e São Tomé de Paripe, com o objetivo de instrumentalizar conceitos e procedimentos da fenomenologia e da geografia humanística e da percepção, visando à qualificação dos levantamentos realizados nos primeiros anos de pesquisa nas áreas-estudo e sua possível aplicação no processo de planejamento.

São as seguintes as metas dos trabalhos desenvolvidos pela equipe do Projeto Espaço Livre de Pesquisa-Ação:

- Desenvolvimento de novas metodologias de planejamento e gestão participativos a partir da aplicação de métodos e conceitos da geografia humanística e da percepção em bairros da periferia de Salvador;
- Digitalização dos mapas cognitivos individuais dos entrevistados para cada bairro;
- Cruzamento das informações e elaboração das cartas cognitivas coletivas para cada bairro pesquisado, seguindo a ordem/sucessão descrita nos procedimentos metodológicos;
- Elaboração/digitalização das cartas de percursos para cada bairro pesquisado;
- Elaboração de cartas temáticas para cada bairro, a partir das cartas cognitivas, das cartas de percursos e das cartas de comércio e serviços, transportes e espaços públicos originadas de pesquisas anteriores;
- Construção de um banco de dados digital para disponibilização via CD-ROM e web-page do Projeto Espaço Livre;
- Realização das filmagens relativas aos diferentes bairros;
- Edição dos vídeos;

- Organização de mostras e de debates do material audiovisual nas associações de moradores e escolas;
- Organização de uma mostra final do conjunto de vídeos para a comunidade acadêmica.

Metodologia

Parte-se do pressuposto de que a percepção humana, as experiências pessoais e as características culturais das periferias urbanas devem servir de ponto de partida para um planejamento "humanístico" da cidade. Noções e conceitos importantes para o desenvolvimento dos trabalhos, como "espaço vivido", "intencionalidade" e "lugar" remetem ao campo da geografia humanística e da percepção e da fenomenologia. Um olhar fenomenológico sobre o espaço urbano evidencia que o bairro corresponde para o indivíduo a um espaço sentido e vivido. Assim, o "bairro" é tratado aqui como "lugar", já que é no lugar que os impactos das intervenções urbanas se concretizam e se fazem sentir. Daí a inegável importância da aplicação dos conceitos/instrumentos da fenomenologia e da geografia humanística e da percepção aos estudos de impacto das intervenções no espaço urbano.

Os procedimentos metodológicos buscam conciliar as técnicas de campo extraídas da obra de LYNCH (1990) e os conceitos e teorias desenvolvidos no âmbito da geografia humanística e da percepção, bem como da fenomenologia. Trabalha-se a percepção da identidade dos bairros estudados, a partir da noção de intersubjetividade (HUSSERL, 2000a e b) e de transubjetividade das imagens e representações (BACHELARD, 1998), entendendo o "bairro" como um espaço social, reflexo e condição do/para o surgimento de um sistema de relações. Com base na realização de entrevistas com moradores das áreas pesquisadas, busca-se explicitar o entendimento e a imagem que se tem do bairro enquanto construção mental.

Assim, a partir das representações individuais dos moradores, uma representação coletiva é "construída" para cada bairro pesquisado, a partir da identificação das redes de relações interpessoais, agrupando-se as representações em níveis diferenciados até se chegar a uma representação coletiva "síntese" do bairro. Segue-se a ordem/sucessão proposta por TUAN (1983), "meu" (representação individual), "nosso" (representação coletiva de nível intermediário, específica para cada grupo - formal ou informal) e "o" bairro (representação coletiva de nível superior).

Nas entrevistas com os moradores é dada também especial atenção às festas e comemorações e aos possíveis processos de auto-gestão do espaço urbano deflagrados nas comunidades estudadas. As manifestações culturais dos bairros são analisadas sob a ótica do conflito global/local expresso, principalmente, na cooptação/folclorização dessas manifestações pelo marketing turístico. Concluídas as análises das entrevistas e a confecção das cartas temáticas para os bairros estudados, desenvolve-se uma pesquisa de campo complementar, com um universo amostral restrito, constituído de "informantes-chave", selecionados como "porta-vozes" dos diferentes grupos e organizações identificados nos bairros. Os informantes-chave são convidados a reproduzir, *in loco*, alguns dos percursos (modo a pé) indicados por eles na primeira entrevista. As entrevistas são registradas em vídeo, embasando a produção/edição de vídeos-documentário educativos.

Resultados e discussão

Oferecida pelo Departamento de Geografia desde o primeiro semestre de 2003 como disciplina optativa do Programa Ufba em Campo – Atividade Curricular em Comunidade, "O Bairro em Imagens" (GEO 458) contou, desde o início dos trabalhos, com a participação de estudantes de diferentes cursos da universidade: Geografia, Arquitetura, Psicologia, Ciências Sociais, Letras, Comunicação, Produção Cultural, Museologia e Geologia. Até aqui já são dois vídeos concluídos e editados, nos bairros de Plataforma (no Subúrbio Ferroviário de

Salvador) e da Ribeira (na Península de Itapagipe), e um em fase de filmagens no bairro do Curuzu (no miolo de Salvador).

Os estudantes são avaliados processualmente a partir da sua capacidade de estabelecer um diálogo com as diferentes representações populares dos bairros, da elaboração de relatórios parciais mensais e de um relatório final. A repercussão junto às comunidades é avaliada a partir da exibição do material filmado e editado nas sedes das associações de moradores. O vídeo número um da série, concluído ao final do primeiro semestre de 2003, “Plataforma: Um Alicerce para a Vida”, foi exibido na sede da AMPLA, para um público de mais de cem pessoas, entre moradores, estudantes e professores e diretores das escolas públicas do bairro. Todas as escolas públicas receberam uma cópia do vídeo editado. Na ocasião, foram entregues também cópias do vídeo editado para os representantes da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UFBA. O vídeo conta a história do bairro de Plataforma, a partir dos depoimentos de seus moradores.

O segundo vídeo da série, “Ribeira: Uma Comunidade em Rede”, editado ao final do segundo semestre de 2003, será em breve exibido no bairro, para os moradores, professores e diretores das escolas públicas. Depois da conclusão do terceiro vídeo da série, no bairro do Curuzu, em fase de realização das filmagens, pretende-se dedicar o segundo semestre de 2004 ao trabalho junto aos professores de Geografia e História das escolas públicas dos bairros pesquisados, embasando-os para utilização dos vídeos em sala de aula. Pretende-se que os vídeos realizados sirvam de subsídio didático para as aulas de Geografia e História das escolas públicas existentes nos bairros pesquisados.

Relato do primeiro grupo de estudantes (Ana Caroline Menezes – Psicologia, Leonardo Brasileiro – Arquitetura, Luís Almeida – Geografia, Moacir Borges – Geografia, Valfrido Moraes Neto - Ciências Sociais, Vanina Miranda da Cruz – Psicologia, monitorados por Marcelo Sousa Brito – Direção Teatral):

Ao nos matricularmos na ACC Bairro em Imagens esperávamos nos relacionar com a concepção e produção de vídeos que teriam como tema a identidade dos bairros de Plataforma e Ribeira, além de interagir com essas comunidades.

Infelizmente, devido à greve dos professores e aos reduzidos recursos, abandonamos a idéia de trabalhar nos dois bairros no mesmo semestre, partindo somente para Plataforma. Também não foi possível mostrar o material semi-editado para as pessoas entrevistadas como era previsto. Embora esse material bruto tenha sido mostrado, em outubro, no Salão Interativo da Semana de Mobilização Científica da Universidade Católica de Salvador e discutido com os alunos e professores presentes e mostrado também no Convescote, o encontro das ACCs que aconteceu recentemente.

Antes da ida ao bairro, recebemos a visita de Márcia Freitas Cordeiro e Suely dos Santos Coelho que, em 2001, haviam feito duas pesquisas: A Percepção do Bairro Através dos Diferentes Meios de Transporte e Bairro e Identidade Cultural na Periferia de Salvador. Essas pesquisas fazem parte do Projeto Espaço Livre que, com a orientação do professor Angelo Serpa, desde 1997, vem realizando trabalhos em parceria com comunidades de baixa renda. Com base nesses trabalhos, selecionamos os entrevistados e fizemos o roteiro da entrevista que seria realizada com eles.

A amostragem foi baseada num critério espacial. Havia a preocupação de incluir pessoas residentes em diferentes subáreas, para que houvesse uma representatividade de toda sua extensão física, além da diversidade de perfis, de idade e de gênero. Quanto ao roteiro, pretendia-se que as pessoas avaliassem seu dia-a-dia no bairro, sua cultura, sua história...

Na primeira visita a Plataforma, fomos a AMPLA - Associação de Moradores de Plataforma - conhecemos alguns de seus membros, percorremos o bairro e vimos “O Buraco do Lixo”, um vídeo feito pela associação em parceria com o Projeto Espaço Livre que mostra o trabalho de um grupo de jovens atores sediado na AMPLA. Também vimos uma peça do

grupo, A Cantora Careca, que foi apresentada em sua sede e posteriormente na Aliança Francesa.

Na etapa das entrevistas, primeiro marcávamos com os selecionados e num outro momento nos revezávamos para filmar as entrevistas propriamente ditas. Para chegarmos aos entrevistados, mesmo tendo algumas informações antecedentes não foi simples. Alguns dos entrevistados nas pesquisas anteriores não puderam ser localizados. Isso, no entanto, possibilitou a abertura para a inserção de pessoas novas a serem entrevistadas. Nesse processo, foi fundamental a ajuda de Luis, que além de aluno inscrito na ACC é morador e professor de geografia do bairro, possuindo uma boa rede de relações o que facilitava, em diversos momentos, a busca das pessoas selecionadas ou a substituição destas por outro morador.

Nas entrevistas, pedíamos que a pessoa escolhesse um lugar ou percorresse um caminho que tivesse alguma representação afetiva pra ela. Conseguimos entrevistar nove pessoas: Gil Carlos (filho de santo, dançarino de dança afro), Ana Cira (agente social e professora), Dom Aldeída (professora aposentada), Sara (agente social), Carlos Alberto (pescador), Iatiara (estudante universitária), Andrews (estudante e técnico em informática), Antônia Garcia (mestre em Geografia) e Mondrongo (professor de capoeira). É importante salientar que o trabalho de edição ainda está em andamento, provavelmente só no semestre que vem essa fita será mostrada à comunidade.

Relato do segundo grupo de estudantes (Ana Luiza Gama – Psicologia, André Gama – Psicologia, Carol Menezes – Psicologia, Elisângela Sousa – Geografia, Fernanda Beatriz Silva – Psicologia, Georgia Sales – Produção Cultural, Marilu Santana – Geografia, Tiago da Arcela – Psicologia, Valfrido Moraes Neto – Ciências Sociais, monitorados por Marcelo Sousa Brito – Direção Teatral):

Depois da experiência com o bairro de Plataforma, a ACC GEO-458, O Bairro em Imagens, partiu rumo a Ribeira para descobrir como se constroem as relações entre seus moradores e de que maneira cada um deles percebe o bairro onde mora.

Como é de costume, antes de irmos a campo, participamos de discussões coordenadas pelo professor-coordenador Angelo Serpa, nos dando com isso uma base teórica que nos possibilitou uma melhor compreensão das características geográficas do lugar.

Houve também uma sessão do vídeo realizado em Plataforma onde os novos “accistas” puderam reconhecer a natureza do trabalho, além de todos poderem sugerir novos rumos para a construção do novo vídeo.

A primeira visita ao bairro se deu no dia da tradicional Segunda-Feira Gorda da Ribeira, quando foi possível termos uma primeira impressão do bairro.

A primeira moradora entrevistada, D. Terezinha nos deu algumas informações sobre a Ribeira, suscitando dúvidas com relação aos limites do bairro. Foi a partir destas questões que discutimos então, a dimensão da Ribeira dentro de Itapagipe. Como estas informações variavam de morador para morador, resolvemos que o mais importante seria justamente deixar visível o bairro que existe em cada um dos moradores. Em seguida, mais confiantes com relação a isto, demos continuidade às entrevistas com os outros moradores.

Com a leitura do relatórios das pesquisas anteriores e a identificação dos moradores, fomos localizá-los para uma primeira conversa onde definiríamos junto com eles como seria o desenrolar da entrevista: onde, como, quando... Em seguida partimos para as entrevistas propriamente ditas. Nessas, nos preocupamos com a percepção do morador com relação ao seu bairro, abordando assuntos como: limites, atividades culturais, serviços e comércio, cotidiano, relação entre os vizinhos...

Além de filmarmos a entrevista propriamente dita, também nos ocupamos de conseguir imagens dos lugares do bairro mencionados pelos entrevistados. Acreditamos que isso é importante na construção do vídeo, pois torna o produto final mais atraente para os que

o assistem. Além disso, as imagens revelam os espaços do bairro que são importantes para o entrevistado, que fazem parte da sua história, que o identificam, que lhe dizem respeito.

Com as entrevistas realizadas, iniciamos o processo de análise e seleção das imagens. E, por fim, faremos a produção do vídeo.

Uma das dificuldades encontradas pela turma foi em relação aos nomes das ruas, pois muitas delas estavam com os nomes alterados. Outra dificuldade foi que alguns moradores entrevistados anteriormente haviam mudado do bairro. Esta barreira acabou nos impulsionando a outras discussões e a descobrir novos moradores que se encaixavam dentro das características dos outros entrevistados, o que nos fez conhecer melhor o bairro, pois tivemos mais tempo para circular em outras áreas e conhecer outras pessoas que nos ajudaram a identificar os novos entrevistados.

Conclusões

O andamento das atividades da disciplina “O Bairro em Imagens” mostra a possibilidade de trabalhar relações de interdisciplinaridade entre as diferentes instâncias e agentes, no processo de construção de uma metodologia pedagógica que concilie o ensino, a pesquisa e a extensão. Ao mesmo tempo, o resgate da história oral dos bairros populares de Salvador, das diferentes visões de mundo e de “espaços vividos” mostra que há muitos bairros, muitas Plataformas e Ribeiras, muitos Curuzus...

Descobre-se que os bairros são culturas transversais, que abarcam muitas e múltiplas subculturas, “jovem”, “negra”, “capoeirista”, “afro-brasileira” ou “bairrista”; o outro lado da moeda traz para dentro dos bairros o mundo e suas subculturas: “turística”, “patrimonialista” ou “conservacionista”. Descobre-se também a possibilidade de um conhecimento transversal, derivado e, sobretudo, “processual”; algo que nasce do diálogo entre o conhecimento popular e o acadêmico, buscando algo às vezes concreto, às vezes abstrato, a “identidade” dos bairros, sua cultura e história. Algo às vezes múltiplo, apontando muitos caminhos e possibilidades de troca (s). Algo em construção...

Construir a geografia do mundo a partir da geografia dos bairros?

Viver o mundo no bairro, pensando o bairro no mundo.

Princípio de partida: deixar a lente da câmera captar múltiplas representações e significados, sem filtrá-los nem roubar-lhes a luz. Captar acontecimentos, construindo processos identitários.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998. 242 p.
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas, Volume I: Magia e Técnica, Arte e Política*. 7a Edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994. 253 p.
- CALVINO, I. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FISCHER, T. (org.) *Gestão contemporânea. Cidades estratégicas e organizações locais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996. 208 p.
- HUSSERL, E. *A idéia da fenomenologia*. Rio de Janeiro: Edições 70, 2000-a.
- HUSSERL, E. *Meditações Cartesianas – Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Ed. Res, 2000-b.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990. 207 p.
- SANTOS, M. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987. 142 p.
- SERPA, A. *Urbana Baianidade, Baiana Urbanidade*. Salvador: UFBA, 1998. 182 p.
- SERPA, A. (org.) *Fala, Periferia: Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano*. Salvador: UFBA, 2001. 318 p.
- SERPA, F. *Rascunho Digital. Diálogos com Felipe Serpa*. Salvador: EDUFBA, 2004.

SOUZA, M. J. L. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 140-172, 1989.

TUAN, Y. F. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Difusão Editorial S/A, 1980. 288 p.

TUAN, Y.F. Espaço e Lugar. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.